

# REINAR DEPOIS DE MORRER



# Pedro e Inês: um mito ibérico

A Companhia de Teatro de Almada repõe, com um novo elenco, uma criação estreada em 2019 que resultou de uma co-produção com a Companhia Nacional de Teatro Clássico. *Reinar depois de morrer* integrou a Mostra Espanha desse ano e subiu à cena no ano seguinte, em Madrid, com um elenco espanhol. Às récitas em Almada e no Porto, no Teatro Nacional São João, assistiram mais de 5.000 espectadores. Este espectáculo valeu a José Manuel Castanheira o Prémio Autores para Melhor Cenografia, e a Ignacio García o Prémio de Melhor Encenação, atribuído pela Associação de Encenadores de Espanha.

A imprensa portuguesa destacou o “imaginativo e eficaz cenário em *half pipe* de Castanheira” (Rui Monteiro, in *Público*), bem como o trabalho dos intérpretes: “os actores surgem numa distribuição exemplar e bem dirigidos, com conhecimento da forma de elocução do teatro barroco, em verso sem cesuras, respirando nos tempos certos, com manifesto à vontade com a linguagem, e com o movimento evidenciando os matizes das personagens” (Helena Simões, in *Jornal de Letras*). Em Espanha, o *La Razón* referiu que “o espectáculo se desenrola com eficácia e muita beleza”, ao passo que o *El País* sublinhou “o expressivo artefacto cenográfico de Castanheira, que evoca os límpidos espaços teatrais de Adolphe Appia”.

*Reinar depois de morrer*, da autoria de Luis Vélez de Guevara e escrita em 1635, é uma peça do *siglo de oro* espanhol com temática portuguesa — o mito de D. Pedro e Inês de Castro. Na sua abordagem a esta tragédia ibérica, o autor inspirou-se e combinou ambas as línguas e ambas as sensibilidades — a saudade portuguesa e a crueza castelhana —, criando um milagre teatral com uma força imensa, que culmina na cena necrófaga e aterradora do cadáver reinante, metáfora barroca e símbolo de uma justiça tardia e estéril.



Ana Cris (D. Blanca)



David Pereira Bastos (D. Pedro)



Erica Rodrigues (Inês de Castro)



João Cabral (Rei D. Afonso)



João Farraia (Álvaro Gonçalves)



Leonor Alecrim (Violante)



Maria Frade (Ama)



Pedro Walter (Brito)

O encenador **Ignacio García**, distinguido com vários prémios, é programador do Festival Dramafest (dedicado à dramaturgia contemporânea, que decorre na Cidade do México) e director do Festival Internacional de Teatro Clássico de Almagro. Grande divulgador do reportório do *siglo de oro*, divide-se entre os textos clássicos e os contemporâneos. Para a Companhia de Teatro de Almada encenou, em 2017, *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago, e *Nem come nem deixa comer*, uma versão de *O cão do hortelão*, de Lope de Vega.



**Intérpretes** Ana Cris • David Pereira Bastos • Erica Rodrigues • João Cabral • João Farraia • Leonor Alecrim • Maria Frade • Pedro Walter **Tradução** Nuno Júdice **Cenografia** José Manuel Castanheira **Figurinos** Ana Paula Rocha **Desenho de luz** Guilherme Frazão **Adaptação** José Gabriel Antuñano

## O século de ouro

O Século de Ouro espanhol designa o período do apogeu da época renascentista na cultura espanhola, cujo início se situa nos anos de 1490 e cujo fim ficou assinalado pela morte do poeta e dramaturgo Calderón de la Barca (1600-1681), que elevou o modelo teatral de Lope de Vega (desenvolvido entre o final do séc. XVI e o começo do séc. XVII) a um inédito e irrepetido patamar de excelência (depuração técnica dessa escrita para teatro, com redução do número de cenas e um novo lugar conferido à cenografia e à música).

A personagem de Miguel de Cervantes (1547-1616), Dom Quixote, o velho fidalgo ocioso e obcecado com assuntos de cavalaria, no seu “Discurso de la Edad Dorada”, faz um elogio às qualidades da Idade de Ouro (*os séculos*

*ditos*), por oposição às outras idades (*os séculos detestáveis*), todas metaforizadas nas suas designações com recurso aos nomes dos metais menos nobres que representam o declínio das qualidades do humano – qualidades éticas e morais, que o humanismo renascentista recuperaria da Antiguidade, e que representaram um impulso democratizador, apoloético de uma igualdade fundamental entre os homens, que por sua vez permitiria a concórdia.

Mas o Século de Ouro é também marcado por uma celebração do mito e do místico, de uma relação de carácter panteísta entre o homem e a natureza, bem como do paganismo presente nas tradições populares e na memória oralmente transmitida.

## Os amores de Pedro e Inês na literatura portuguesa

O denso lastro lendário da figura de Inês de Castro (1325-1355) apaixonada não apenas o imaginário popular mas também, e não pouco, a criação poética e literária. Assim, Inês de Castro está presente no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516), primeiro narrador da mais linda história de amor portuguesa de sempre, nas famosas *Trovas à morte de Inês de Castro*.

Mas foi Luís de Camões (1524-1580) quem inscreveu Inês de Castro para sempre no cânone literário português, evocando os amores desta com D. Pedro no seu poema épico *Os Lusíadas* (1572). «Estavas linda Inês posta em sosse-

go/...» (Canto III). Vários outros vultos da literatura portuguesa não resistiriam à história dos amores proibidos entre Portugal e Espanha, que levaram ao assassinato de Inês, por ordem do rei Afonso IV de Portugal: António Ferreira em *A Castro*, Bocage em *À morte de Inês de Castro*, e, entre os nossos contemporâneos, Agustina Bessa-Luis em *Adivinhas de Pedro e Inês*, Nuno Júdice (insigne tradutor de *Reinar depois de morrer*) em *Pedro, Lembrando Inês*, ou ainda Mário Cláudio, numa das suas histórias de *Triunfo do Amor Português*, ilustrado por Mestre Rogério Ribeiro.

## Pedro e Inês segundo Luis de Guevara

*Reinar depois de morrer*, de Luis de Guevara (1579-1644), expõe os dilemas e padecimentos interiores de quem viveu esta história de amor e morte, estabelecendo um paralelo entre a História das nações (vida pública) e a história das paixões dos indivíduos (vida privada). Personagens históricas de fortes feições literárias, Inês de Castro e D. Pedro de Portugal protagonizaram no palco ibérico do século XIV o triunfo do amor sobre os desígnios políticos das nações. Publicada pela primeira vez em Lisboa em 1652, a obra

magistral *Reinar depois de morrer* mostra a que ponto o conflito entre as razões de Estado e os ditames do coração dos homens podem determinar o destino não apenas destes últimos mas também dos países e das suas populações.

O texto encontra grande actualidade enquanto tragédia de contornos contemporaneamente reconhecíveis, levando a questionar o lugar da liberdade individual e os limites da autoridade dos Estados.

**De 20 de Janeiro a 12 de Fevereiro**

Quinta a sábado às 21h • Quarta e domingo às 16h

Sala Principal • M/12

**6.50€**

Preço especial  
para grupos

Informações e reservas: Carina Verdasca, Pedro Walter e Marco Trindade: 96 496 00 05 • [publico@ctalmada.pt](mailto:publico@ctalmada.pt)

Teatro Municipal Joaquim Benite: Av. Prof. Egas Moniz - Almada • Telf.: 21 273 93 60 • [www.ctalmada.pt](http://www.ctalmada.pt) • [geral@ctalmada.pt](mailto:geral@ctalmada.pt)

*Silêncio, silêncio! Ouvi: Esta é a Inês laureada  
esta é a rainha infeliz que mereceu em Portugal  
reinar depois de morrer.*

FALA DO PRÍNCIPE, ACTO V.